

V COLÓQUIO ANUAL DA LUSOFONIA

TRANSCRIÇÃO (PARCIAL) DA PALESTRA DE MARTINHO MONTERO SANTALHA EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS PARA A CRIAÇÃO DA «ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA - AGLP»

Defendidos por Martinho Montero Santalha na palestra da sua comunicação «Um novo repto: a Academia Galega da Língua Portuguesa», o 4 de Outubro de 2006 no V Colóquio da Lusofonia. Bragança.

(Nota de Ângelo Cristóvão: o seguinte texto é uma transcrição do som da palestra e do debate posterior, começando no minuto 22:50 até ao final. Ao transcrever tentei reproduzir fielmente os argumentos dos intervenientes em frases gramaticalmente válidas, eliminando as repetições desnecessárias. Os castelhanismos foram substituídos por palavras equivalentes no português padrão europeu. A fraca qualidade do som de Freixeiro Mato e de Gonçalves Blasco faz difícil a interpretação de algumas frases. Esta não pretende ser uma transcrição literal nem completa. A gravação original foi realizada por Luís Fontenla: muito obrigado).

MARTINHO MONTERO

(Começa a exposição de motivos no minuto 22:50 da sua palestra):

«A ideia que pretendo defender aqui é que é necessário criar uma Academia Galega da Língua Portuguesa, por vários motivos. Existe actualmente, para os que defendemos que a Galiza é um país lusófono, faz parte do mundo lusófono, uma Real Academia Galega que se preocupa dos assuntos da língua, que sim defendia originariamente a unidade lusófona, como vimos antes, na exposição do professor António Gil. Os primeiros discursos, mesmo as primeiras normas que teve, mesmo as penúltimas normas, do ano 1970, eram umas normas claramente reintegracionistas. Há que ter em conta, por exemplo, algo introduzido pela terminação –ais, que tem uma representação minúscula na Galiza como elemento da língua falada, e é algo hoje estabelecido e que só se devia ao facto de ser a forma escrita na língua portuguesa. De modo que a ideia da Academia Galega, mesmo com discrepâncias internas, por vezes, era maioritariamente, com em geral como a cultura galega, uma ideia de carácter reintegracionista. Porém nos últimos anos a situação mudou bastante. Apesar da última reforma em que se aproximou do português, – e aqui temos algum dos representantes, que trabalharam aí muito meritariamente – os mesmos académicos, quando apresentaram esta reforma, já diziam “que fique claro que o galego é uma língua independente, portanto, não é português”. Isto significa que não temos esperança de que a R. A. G. mude, de momento. Todos os académicos estão mais ou menos contra essa ideia [a unidade da língua]. De modo que devemos abrir caminho, com o fim de que a Galiza possa ser tida em conta no mundo lusófono.

A Comunidade de Países de Língua Portuguesa que hoje existe, se quer ligar para alguém na Galiza, para quem há-de ligar, se quer chamar algum representante da Galiza? Há um movimento reintegracionista que produz cousas, trabalha, etc., mas teria que chamar alguma instituição um pouquinho mais solene. Por isso creio necessário que se constitua este tipo de instituição, a Academia Galega da Língua Portuguesa.

A CPLP foi constituída por governos. No nosso caso não podemos esperar que o Governo Galego mude, de momento, esta situação. Poderá ser com o tempo. De modo que todo o tempo que passar sem que exista uma instituição deste tipo joga não só contra a nossa ideia da língua, mas da nossa mesma língua, como sabemos, porque, pretender que o galego vai sobreviver como língua independente –não sei se acreditam nisto os académicos [da R.A.G.], que podem duvidar ainda- mas muitos estamos convencidos de que isso é um erro e um disparate que, no século XXI não tem a menor probabilidade de ir para a frente.

Naturalmente, existirão obstáculos para uma iniciativa deste tipo. Em primeiro lugar, de tipo legal. Provavelmente a R. A. G. sentirá que lhe vão ocupar um pouco de espaço simbólico. Acho que as cousas podem levar-se bem, com respeito, sem agressividade, simplesmente como fruto de duas concepções da língua distintas, que existem e não podemos evitar.

Outros obstáculos serão, seguramente, os tiveram todas as academias quando se formaram. De certeza haverá diferenças entre os possíveis membros, pode haver pequenos rancores... enfim, isso houve em todas as academias, quando se observa a história, logo se vê que existiram e são cousas mais ou menos inevitáveis mas, se não afrontarmos este risco, nada se fará.

O que sim se necessitaria é uma sede na Galiza, evidentemente. Então haveria que buscar um edifício, alguma instituição pública, algum concelho. O ideal seria Santiago, ou bem alguma das outras cidades –estou falando um pouco como promotor da ideia, porque eu aguardo durante estes anos a que alguém se animasse a promovê-la, mas vejo que o tempo passa e não queria morrer antes que isto fosse para a frente–. Então uma sede seria necessária, um edifício onde poder ter um domicílio estável. Depois seria também necessário – e isto hoje seria mais fácil – constituir um Boletim ou Órgão em que se publiquem as cousas da Academia. Estas seriam as ideias para constituir uma Academia Galega da Língua Portuguesa.

Além disto, estes anos tivemos um elemento que também atrasou um pouquinho a ideia – penso eu – e é o facto de, dentro do mesmo movimento reintegracionista ter havido certas disputas por motivo da normativa [linguística]. Penso que, pouco e pouco, esse tema vai tratando-se com menos agressividade e menos rigidez, e acho que por esse caminho não há grande dificuldade. Está claro que todos defendemos a unidade lusófona da nossa língua, e o facto de que defender algumas características um pouco diferentes é sempre accidental, e não há que perder de vista esta característica: que é uma cousa accidental. O ideal é a comunidade.

Com isto cumpriu-se o meu tempo. Obrigado.

.....

COMEÇA O DEBATE

Alexandre Banhos:

A questão que queria pôr a Martinho é que cingiu muito o seu relato às instituições que têm o nome de 'Academia'. O Institut d'Estudis Catalans é uma verdadeira academia, mas não se chama dessa forma. Entre outros aspectos importantes tem o normativo, etc., para todo o âmbito da língua catalã. Na Galiza temos uma instituição que é a Comissom Lingüística da AGAL. Poderia ser esse o elemento fulcral para constituir a Academia? Não serviria?

Resposta de Martinho Montero:

Bom, com efeito, sobre o *Institut*, mesmo na Catalunha, quando se fez o *Instituto de Estudos Catalães* tentou-se conscientemente evitar o nome de Academia, para evitar a ideia de uma rigidez que fosse um pouco violenta para a língua. De todos modos, acho que foi um erro, e acho que mui tos catalães hoje também o reconhecem. Criou-se uma Academia –e não falei dela– a *Academia Valenciana*. Se houvesse existido uma academia catalã já não se teria criado esta ou, talvez sim, – aí têm um problema de identidade linguística. O *Instituto da Língua Galega* imita o *Institut d'Estudis Catalans*, aproveitando que nas universidades se pode criar este tipo de instituições. Penso que nós não temos hoje mais possibilidades de escolha. Não podemos criar um instituto...

[Alexandre Banhos intervém: Refiro-me à *Comissom Lingüística da AGAL*]

Sim, a AGAL é outro aspecto. O primeiro é o do Instituto. Quanto à AGAL, com efeito, existe uma *Comissom Lingüística* da qual também eu sou membro, e dentro dela temos falado também disto. Só que há todo um sector dentro do movimento reintegracionista que não é da

AGAL. Então penso que seria melhor fazer algo que fosse aberta a todo o mundo e da qual, por suposto, a Comissão Linguística da AGAL pode fazer parte, não há problema, são poucos membros, e seria mais aberto, melhor aceite pela gente que não é da AGAL, que não aceita hoje as suas directrizes.

António Gil:

A Academia Valenciana foi criada em grande medida para opor-se ao Institut d'Estudis Catalans. O que acontece é que em València estiveram com a pugna da terceira via entre – digamos, para entendermo-nos– a isolacionista ou blavera e os catalanistas por outro lado. Então procuraram uma terceira via que é relativamente mais factível do que no caso da Galiza.

A única diferença é de terminologia e de escolha léxica entre um e outro, mas curiosamente, os signos gráficos vêm sendo os mesmos ainda que a denominação era diferente: “LL” era lido como “ele-ele” para os catalanistas, enquanto para os blaveros era “elhe”, por exemplo. E no caso do “NY”, era “enhe”, para os blaveros. É curioso.

Historicamente, há tempo, não sei por que anos, a então presidente [da AGAL] Maria do Carmo Henriques encarregou-me que elaborasse uns estatutos, e eu elaborei uma primeira redacção dos estatutos, que não sei se foram apresentados como tais para serem legalizados. O que sim sei é que ela, ou a Directiva ou Conselho da AGAL fizeram um intento de legalização da denominação, e não sei exactamente que denominação apresentaram, se era Academia da Língua ... Língua Portuguesa acho que não. Parece que houve um intervenção do que era Presidente da RAG, Domingos Garcia-Sabell, para impedir qualquer tipo de legalização, com o pretexto de que o nome Academia correspondia às academias. Imediatamente haveria que dizer: então as academias de corte e confecção, como dizia antes Martinho, não são academias? Levam o mesmo nome.

Em terceiro lugar o que sim é certo é que o Instituto da Língua Galega, em origem Instituto de la Lengua Gallega –essa era a denominação oficial inicial–, foi uma interferência absoluta contra a [Real] Academia Galega. É curioso o que opinam os redactores na Enciclopédia Gallega sobre a palavra galego, naquela altura. Os primeiros redactores estão agora na R.A.G. como académicos. Curiosamente diziam que a R.A.G. não valia para nada. Alias, o I.L.G., como instituto universitário, não podia ser instituto normador, ou seja, uma entidade normadora da língua, mas apenas investigadora. Essa era a condição dos institutos universitários de então, e suponho que ainda hoje, como institutos interdepartamentais. Eu já me desliguei de tudo isso, mas acho que continuam na mesma circunstância. Com o qual o labor que fizeram com o galego foi ilegal. Com o galego, com os galegos e dentro do Reino da Espanha. Contudo não só foi permitido, como também intensificado.

Xosé Ramón Freixeiro Mato:

Bem, suponho que isto terá de ser muito rapidamente porque já imos mal de tempo. Eu estou um pouco surpreendido pela proposta, porque não a escutara nunca. Também não ando muito pela internet, é verdade, mas não a ouvira. Vi-a quando recebi o programa, vi o título e foi quando pela primeira vez eu tive o título dessa proposta. E vejo algum aspecto negativo. Por outra parte, falar de uma Academia Galega da Língua Portuguesa, negaria um pouco, quase de entrada, a identidade galego-portuguesa. Quer dizer, se à nossa língua, na Galiza, se lhe chama galego, criarmos uma academia da língua portuguesa seria algo distinto do galego, portanto defendendo a mesma identidade galego-portuguesa penso que se pode defender perfeitamente com o nome de galego. Outra cousa seria, então, que fosse Academia da Língua Galega.

Sabedes que a actual Academia é uma academia galega em geral, sem referência à língua. Também na intervenção do meu colega Xosé Manuel Sánchez Rei, como outras que tem publicado neste sentido, demonstra essa identidade linguística essencial. A nível coloquial e popular demonstra que o galego é o português da Galiza, o galego também é falado em

Portugal, e incide nessa grande ideia da grande identidade linguística galego-portuguesa. Portanto penso que também na Galiza não temos que renunciar ao nome histórico de galego para essa mesma academia.

Mas também, por outra parte, pergunto se não seria ainda possível esperar, tentar que a actual Academia Galega vá dando passos e modificando-se, tal como dizia Murguia nos seus princípios, que fez fé declarada da identidade galego-portuguesa. Eu estudei algo do que disse aqui António e lembro Martínez Risco, onde ele, espanhol-falante, sempre que se referia ao tema linguístico, referia-se ao galego que se falava tanto em Portugal, no Brasil, etc. Sabemos que Carvalho Calero foi membro da R.A.G., e foi o redactor das primeiras normas que teve a Real Academia Galega no ano 1970, e que tem a Franco como membro de honra, ainda. Eu li uma carta de Sarilhe na imprensa em que pedia retirar Franco da Academia [Martinho: não, não é de número]. Sei que é difícil, que a R.A.G. cumpra essa função, mas também não temos na Galiza muitas instituições que tenham um certo peso histórico, certo prestígio social, etc., e portanto, talvez, eu penso que caberia tentar influir, reconduzir. Sabemos que é um processo muito lento, muito longo, e talvez neste momento não seja possível, mas eu só quero ligar a estas questões.

Resposta de Martinho Montero:

Sim, precisamente por isso. Eu tenho aqui o primeiro artigo em que eu tratei este assunto. É do ano 1992, em que já tenho uma proposta da *Academia Galega da Língua Portuguesa*, de forma que já vão lá mais de 10 anos. Carvalho Calero morreu no ano 1990. A ideia já a tratei eu com ele, já falei com ele e penso que já nasceu com ele. Eu não me lembro bem.

O problema do nome da língua. Continuar a falar de *galego* é um dos grandes problemas, eu creio que é um dos grandes erros continuar a chamar ao galego língua galega, porque nada ganhamos com isso e perdemos muitíssimo. Quer dizer, chamar-lhe galego por que? Por manter o nosso orgulho? Tiveram o mesmo problema os brasileiros, que utilizaram durante algum tempo no nome língua nacional, por não chamar-lhe língua portuguesa. Todo o mundo lhe chama língua portuguesa. Quando Carvalho Calero publicou o seu livro *Problemas da Língua Galega* em Portugal, na Editorial Sá da Costa, teve muito pouco êxito em Portugal. Foi uma grande decepção para o editor, em primeiro lugar. Então, o mesmo Carvalho Calero se deu conta e comentou-me a mim, então, que o grande erro fora esse. Se puséssemos *Problemas da Língua Portuguesa na Galiza*, em Portugal... Ora, *Problemas da Língua Galega*, é como quem diz [para os portugueses] problemas da língua asturiana. A mim quê me importa!

A palavra tem uma força terrível, quero dizer, as palavras. Então, chamar-lhe língua galega ao que é língua portuguesa da Galiza para todo o âmbito lusófono é uma maneira de enganá-los, porque é uma maneira de fazer-lhes ver que isso não tem nada a ver com eles. Porque não se chama língua brasileira: chama-se língua portuguesa do Brasil. De modo que esta é uma das causas... Temos que ter uma instituição que para o resto do mundo lusófono seja claramente lusófona: língua portuguesa da Galiza, não língua galega. Esta é precisamente uma das causas de fazer-se [a Academia]. Nós pensamos também fazer uma *Academia Galega da Língua*, simplesmente. Quando se criou a AGAL, pense-se que é *Associação Galega da Língua*, mas num primeiro momento considerou-se a possibilidade de chamá-la *Associação da Língua Galega*, e já então se optou por não usar essa denominação. Também *Associação da Língua Galego-Portuguesa*, um pouco ambígua, porque para o mundo de língua portuguesa, língua galego-portuguesa é a língua medieval, fica lá longe, como quem diz o latim. De modo que se trata de não enganar mas todo o contrário: de criar no mundo lusófono que, hoje estamos tão bombardeados por notícias que, a primeira impressão é a que realmente nos leva a fazermos uma ideia. Então, falar de língua galega é enganá-los, enganar o mundo lusófono. Então temos que falar de língua portuguesa da Galiza. Nada perdemos com isso. Por ser português não deixa de ser galego. Não temos que deixar de usar "galego", mas não como denominação da língua em si.

Com efeito, é verdade que a R.A.G. tem um prestígio, por isso haveria que levar para a frente esta iniciativa com sumo cuidado, sem ofender ninguém, sem desprezar a R.A.G. que

tem o seu mérito, mas é uma opção claramente diferente, não cabe dúvida, e o de aguardar, acho que não faz sentido. Eu já vou cansado de aguardar. Os anos passam e morremos. Eu creio que não há esperança na R.A.G., não há esperança porque não vejo... estiveram Carvalho Calero, Paz Andrade, quando se aprovou a normativa. Marinhos, o mesmo Chão Espina, que era professor de português e, quando se aprovou a normativa [de 1982] eu tinha algum trato com ele. Por certo que o movimento reintegracionista conheceu a normativa antes de dar-se ao público, porque me mandara a mim Chão Espina uma cópia. Ligou-me pelo telefone e estava muito irritado contra os directivos. Bem, todo esse sector, que era pequeno dentro da R.A.G. já não está, e agora os membros são muito agressivos contra a ideia de uma unidade linguística galego-portuguesa. De modo que entendo ser um pouco utópico pensar que isso vai mudar. A prova foi mesmo a reacção contra a última reforma [de 2003]. Num primeiro momento rejeitaram-na, e num segundo momento aprovou-se mas... alguns académicos ainda a criticam hoje, de modo que a esperança, neste sentido, é pouca.

Xavier Vilhar Trilho:

Estou muito de acordo com a ideia de Martinho. De uma Real... não real, mas republicana Academia Galega da Língua Portuguesa e, como contributo a essa ideia solicitaria uma reflexão sobre a sua estrutura interna. Seria uma academia exclusivamente de filólogos, como deve ser, sobretudo para ter esse prestígio no campo linguístico, ou podia ter duas secções, uma de filólogos e outra de cientistas, não militantes políticos, mas cientistas das ciências sociais especialistas no campo das políticas linguísticas, a sociolinguística, a politologia, conhecedores da problemática das políticas linguísticas que contribuíssem a completar o aspecto linguístico.

Claro, isso tem o perigo de que no mundo académico, como as academias são fundamentalmente da língua. Um dos problemas da R.A.G. era não ser da língua, e haver pessoas que não eram filólogos nem linguistas, mas, bom, como aqui há que fazer duas batalhas, a batalha linguística e a da difusão política dessa ideia, acho interessante que houvesse essas duas secções.

Depois, uma pequena reflexão sobre que outros nomes alternativos, que podiam ser, por exemplo, para não pôr em contra o mundo académico e não criar agora uma dinâmica de disputa entre duas academias, podia ser a de Seminário de Estudos Lusófonos e Lusógrafos da Galiza ou semelhante, mas isso não tem o prestígio nem a capacidade de síntese da Academia da Língua, ou também o da Comissom Linguística da AGAL. Criar uma espécie de cousa assim como Associação para a Unificação Linguística do Galego e do Português, mas não pode ter a tradição e o prestígio que tem o nome de Academia.

Resposta de Martinho Montero:

Hoje em dia as Academias da Língua são constituídas por pessoas que trabalham os distintos aspectos da língua mas todas incluem outro tipo de gente também, porque há arquitectos... Também a *Academia da Língua* actual, nesse aspecto, está constituída como, em geral, a espanhola.

A verdade é que as academias, já não só a *Academia das Ciências de Lisboa*, que não é propriamente da língua, mas mesmo a *Academia Francesa* teve recentemente uma pequena reforma da ortografia, há poucos anos. A Academia não é a que realiza a reforma, mas nomeia uma comissão integrada por não académicos. Houve algum professor da universidade tal... mas a Academia aprovou-na, de modo que funciona um pouco assim como uma instituição que faz de cortina. Mas maioritariamente acho que convêm pessoas que trabalhem sobre temas de língua.

Luís Fontenla:

Bom, a respeito do nome, ao que fez referência Freixeiro, o nome da instituição e o nome da língua, penso que como essa Academia está pensada para trabalhar com a lusofonia, para ser o referente na lusofonia é lógico que use o nome de português da Galiza, português galego ou o que for. Terão de analisar os próprios académicos se é mais adequado colocar o próprio nome dentro do título da academia. Academia Galega de Letras ou o que for. Mas está claro que o nome mais comercial para a lusofonia é «da Língua Portuguesa». Isso parece que é evidente.

Depois, eu queria colocar só ideias que acabam de vir-me à mente, como um nome que existe, que é a Comissão do Acordo Ortográfico, e acho que esta Academia deveria tentar contactar ou conseguir que essa Comissão acabe estando dentro da Academia. Isso seria o lógico, porque para isso há um trabalho feito e haveria que conseguir integrar isso de alguma maneira.

Uma ideia que coloco é que não sei por que tem que legalizar-se na Galiza. Bom, não a tinha analisado, mas não sei se seria boa ideia, talvez, legalizar também ou colocar a sede em Valença. Isso levantaria uma série de barreiras e problemas que poderiam ter lugar ao ter que legalizar os estatutos em português [na Galiza], ter que conseguir subsídios do governo da Galiza... Eu sou partidário de analisar esta ideia, só isto.

Resposta de Martinho Montero:

Bom, em princípio, o que se deseja é que tenha a sua sede na Galiza. Na questão da aprovação na Galiza há vários passos. De facto algum já está dado. Há primeiro um passo de aprovação do nome, etc. e o ideal seria que fosse na Galiza. Claro que se isso não for possível, haveria que estudar a possibilidade de colocar a sua sede mesmo em Portugal. Penso que não deveria haver problema porque, já digo, com esse nome de *Academia Galega da Língua Portuguesa*, essa instituição não existe, porque mesmo a *Real Academia Galega* não é da língua portuguesa, portanto não pode sentir-se ofendida neste sentido, então penso que não deveria haver problema.

Isaac Alonso Estraviz:

No ano oitenta e tal percorri vários ministérios em Madrid para criar a Academia Galega da Língua, e em toda a parte denegaram porque, ainda que a outra era Academia Gallega, para eles a Academia Galega era da língua, e podíamos criar todo tipo de academias menos uma academia galega nesse sentido. Totalmente descartado.

Depois, a respeito do outro tema, eu opino que podia ter uma sede em Portugal e outra na Galiza, que seriam diferentes. O problema do local é discutir por discutir porque, se for criada uma academia, eu cedo o meu piso para sede dessa Academia, e mesmo a biblioteca, que acho ser melhor do que a da R.A.G.

Outros problemas, na Espanha, querer criar uma Academia portuguesa, talvez teríamos problemas com Portugal mas, do resto, nada.

Ângelo Cristóvão:

Uma breve intervenção: eu também empresto o meu andar.

Resposta de Martinho Montero:

Então melhor, temos uma em Santiago e outra em Ourense, de modo que podemos escolher.

Alexandre Banhos:

Queria indicar uns breves matizes, e depois contestou tão bem o Martinho que o único que garante é que antes do ano 2008 vai estar constituída.

Luís Gonçales Blasco:

A mim resulta-me duro renunciar ao nome de galego para designar a nossa língua porque, ademais, suponho que deve ser o nome histórico, suponho que quando a gente começou a dar-lhe nome à língua romance, que seria o romance galego; o português viria depois. Agora, deveria ao melhor produzir-se alternativas, se o problema de galego-português existe, deveria chamar-se academia galego-portuguesa da língua. Eu estou farto de ver livros que punham «Traduit de l'Américain», do inglês americano. Começou-se fazendo isto um pouco de brincadeira e depois, em livros sérios, como na sociolinguística de Labov põe «traduit de l'Américain».

Resposta de Martinho Montero:

Eu dizia antes que para todos nós, renunciarmos à denominação de *galego* parece renunciar a algo, mas se o pensarmos friamente, não é renunciarmos a nada, como renunciámos se perdemos a língua. Então sim perdemos muito. Da outra maneira, não há realmente... pelo facto de ser português não deixa de ser galega a língua. E o de *galego-português* eu já dizia que, com efeito, usou-se muito no nosso âmbito reintegracionista num primeiro momento, mas a experiência demonstra que, em geral, no mundo lusófono essa expressão se entende no sentido de português medieval.

(Fim do debate e da sessão)